

Crónica 393 25 de abril sempre 2021



Nesta bela casa, hoje dilapidada e desabitada à espera do camartelo municipal para nela se construir uma qualquer gaiola de cimento sem vida nem alma, nela habitaram famílias (felizes ou não)m, ali nasceram jovens, cresceram, foram à guerra colonial e voltaram ou não, para casar e arranjar emprego, terem filhos e seguirem o curso considerado normal naqueles tempos. Naquela casa houve festas, aniversários, dançaricos e outras celebrações, ouviram-se risos e choros, alegrias e tristezas, em tempos até havia criadas fardadas de preto e branco a servirem à mesa na sua escravatura de só poderem sair domingo de tarde para namorarem um qualquer magala do quartel mais próximo. Houve tempos difíceis depois da primeira grande guerra e durante a segunda grande guerra em que havia racionamento e faltavam bens essenciais que nenhum dinheiro podia comprar, mas depois veio o tempo da esperança e da reconstrução, novas tecnologias surgiram a partir de 1950. Foi nessa altura que o mundo calmo e salazarento se desmoronou com a ocupação de Goa, Damão, Diu, a que se seguiram as chacinas em África que deram início a 14 anos de guerra colonial sangrenta, estúpida, sem senso, perdida antes de ter começado, segundo a teoria de dominó de Henri Kissinger. Portugal nunca teve hipóteses nenhuma face ao xadrez dos EUA e Rússia naquela parte de África.

Mais de uma dezena de milhar de mortos e incontáveis feridos e estropiados que ainda hoje penam com stress pós-traumático deixou macas na velha casa com um jovem revolucionário que embandeirou em arco com o 25 de abril ameaçando as fundações da família. Velhos e irrelevantes os donos da casa foram-se consumindo com o tempo sem nunca se ajustarem aos ventos democráticos cuja voragem aniquilou os rendimentos escassos amealhados em gerações. Quando se finaram a casa se finava com eles sem ninguém interessado em manter e preservar o velho casarão que, há muito necessitava de obras custosas, para manter a sua aparência senhorial

E que me acontecia entretanto? Nessa época qualquer jovem vivia com dois dilemas fundamentais, um: era a espada de Dâmocles da malfadada tropa (o exército colonial português que decepava vidas e esperança dos jovens ao enviá-los para a guerra colonial que ninguém queria nem entendia), a outra era o facto de não pertencermos à Europa nem ao mundo na política do “orgulhosamente sós” a que a ditadura salazarenta se agarrava. Mas havia esperança, a guerra colonial acabaria, tal como a Guerra do Vietname e a democracia haveria de chegar a Portugal como chegou à Europa após a segunda grande guerra. Não sabíamos quando... estive como aspirante a oficial miliciano, no RAL-4 em Leiria, e nos passeios longos

de tertúlia com o (major) Melo Antunes nas margens do rio Lis entre março e setembro 1973 ele me dizer que se estava a preparar algo para daí a dois ou três anos (no pior cenário, cinco anos).

Falava-se de vida, de filosofia, de aspirações e sonhos e felizmente vivi o suficiente para ver a maior parte desses sonhos concretizados. Mas jamais esquecerei o que era viver sem liberdade (especialmente de expressão e pensamento). Antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei com cerca de trinta páginas...

O resto é já história, o 25 de abril trouxe a liberdade de pensamento e de expressão e muita água correu sob as pontes: sou confrontado por uma sociedade mais desigual do que nunca, de falsa fluência consumista.

No que conseguíamos ler e ouvir queríamos a liberdade de um Woodstock americano, das manifs de estudantes de Paris em 68-69 e subsequentes, em vez de viver sob “brandos costumes” que me obrigaram a uma multa de 2\$50 (dois escudos e cinquenta avos) por andar descalço no acesso à praia ...ou a uma multa (creio que 250\$00) por não ter licença de porte de “arma” (neste caso, um isqueiro). Alguns colegas eram “bufos” não só da PIDE mas ao denunciarem o meu uso de isqueiro sem licença ganhavam 50% da receita...

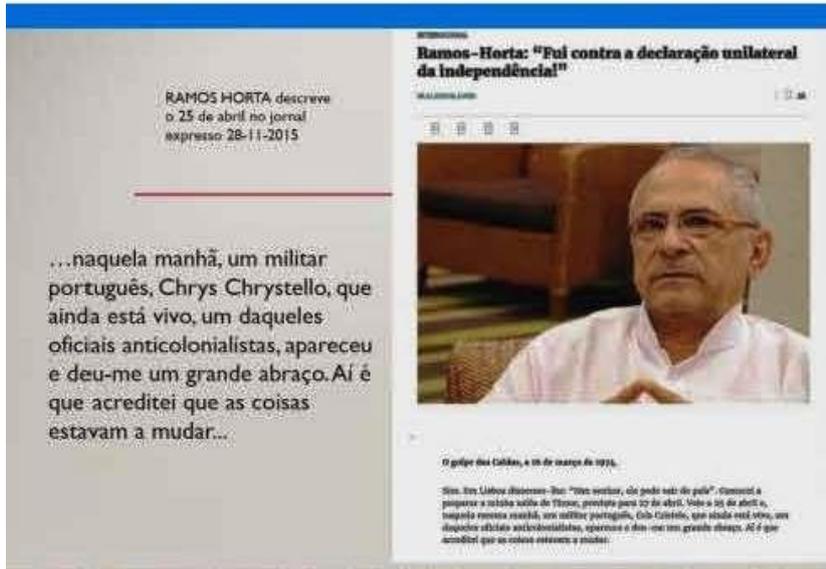
Depois, veio o dia de todas as esperanças, 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, em Timor, esperei, tardava a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho da europa unida medrou e cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente obesa na palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra, as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por modelos de democracia onde alegadamente o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e a *glasnost* a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que já não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam).

Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência de uma verdadeira democracia com eleições e tudo o mais, mas onde a realidade não está representada, com resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática travestidas de democracia oca. O que temos assistido nas últimas décadas é um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos *smartphones* e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça que acontecem em volta. Quando essa liberdade se perder, de facto só terei de me conformar e aceitar que me implantem um “chip” para o meu próprio bem, como nem George Orwell (1984 e o Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.

Estava em Timor em 25.4.1974... Depois do 25 de abril (data da Revolução em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Era chamado quase todas as manhãs e simpaticamente mandava o motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina (prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar) lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerado material proibido. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato. Ramos Horta viu assim o 25 de abril (entrevista dada ao Expresso em 28.11.2015).



Este ano como em todos os anteriores 47 usarei um cravo simbólico do dia em que a liberdade chegou a Portugal e por mais que me desgoste (hoje) este país injusto onde vivo ainda sou livre para o afirmar.



*Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713  
{Australian Journalists' Association MEEA}  
Diário dos Açores (desde 2018)  
Diário de Trás-os-Montes (desde 2005)  
Tribuna das Ilhas (desde 2019)  
Jornal Lusopress Québec, Canadá (desde 2020)*